

a primeira do pollegar; os tres dedos restantes da mão seguram o punho, que só tem o espaço de 0^m,06, presumindo-se que neste espaço tivesse talas de madeira ou marfim.

O guarda-mão tem de um lado dois botões com pé, de 0^m,03 de altura, que serviam para proteger a costa da mão, quando a espada do adversario resvalasse (figura da direita), e na figura da esquerda vê-se um appenso metallico, que, alem de proteger os dedos da mão, servia tambem para suspender a espada, quando collocada no talabarte ou arção.

O guarda-mão e punho são de ferro, e tanto estas partes como a lamina estão bastante carcomidas pela ferrugem, tendo apenas, por esse motivo, sómente de peso 1^k,200.

Foi encontrada, já sem bainha, ao sorribar o terreno de um prado, para plantação de vinha, no termo de Burçó, concelho de Mogadouro, partindo-se em tres bocados na occasião de a arrancarem. Appareceram tambem, em diversos pontos do mesmo prado, ossadas humanas, que, ao serem extrahidas da terra, se desfaziam.

Segundo a tradição, naquelle prado feriu-se uma sangrenta batalha. Bragança, Fevereiro de 1902.

CELESTINO BEÇA.

Estudos de numismatica colonial portuguesa

3. Os patacões de Goa



Fig. 1.^a

Dentro de dois circulos as armas do reino, entre G-A. A legenda, que se segue da esquerda para a direita, está quasi toda obliterada; presumimos que deve restituir-se do modo seguinte:

[PHI]LIPV[S] · III · REX [· PORTVGALIAE · ET · ALG ·]
É provavel que a orla fosse ornamentada com circuito de globulos.

R. — Cruz da Ordem de S. Bento de Avis, dentro de um circulo.
Legenda: IN HOC · S[IGNO] · VINCES ·]

Patacão de 6 tangas de prata de 11 dinheiros.

Peso 17^g,35. Diametro 30 millimetros. Espessura 2,5 millimetros.



Fig. 2.^a

Dentro de dois circulos as armas do reino, tendo á direita um A. Obliterada a letra monetaria G á esquerda.

[PHILI]PVS · III · REX [· PORTVGALIAE · ET · ALG ·] (?)
que se lia da esquerda para a direita. Na orla restos de circuito de globulos.

B.—Cruz da Ordem de S. Bento de Avis dentro de um circulo.
Legenda: IN [· HOC ·] SIG[NO · VIN]CES ·

Meio patacão de 3 tangas de prata de 11 dinheiros.

Peso 9^g,50. Diametro 26 millimetros. Espessura 1,5 millimetros.

Estas moedas foram cunhadas na Casa da Moeda de Goa. Unicas até hoje conhecidas, são ornamentos notabilissimos do medalheiro do Sr. Henry Grogan, subdito de Sua Majestade Britannica, residente em Park Street, 101, Grosvenor Square, London, W.

Este cavalheiro, que se dignou enviar-nos copias dos especimes, em boa hora occasionou a palestra que vae seguir-se.

Não se poupem louvores a quem concorra para que a sciencia conheça especialidades monetarias de alto interesse. Este procedimento contrasta com factos que, por vezes, se dão em Portugal, onde existem alguns medalheiros, considerados valiosissimos, que a ninguem é dado estudar, nem aos proprios donos! como se o pensamento fosse gazua contra a inviolabilidade a que tem jus quaesquer antiguidades, onde quer que a fantasia do acaso as tenha collocado!

A causa fundamental da emissão de patações goenses, durante o reinado de D. Filippe III, encontra-se declarada no livro IV do archivo do extincto Conselho da Fazenda de Goa, a fl. 125.

Em 13 de Novembro de 1630, o vice-rei D. Miguel de Noronha propôs ao Conselho a conveniencia de se baterem moedas novas com symbolos portuguezes, que substituíssem as patacas hespanholas, *reales*, que as armadas do reino tinham embarcado no Tejo, com destino á

India, em abundantes remessas, principalmente depois que D. Filippe I entrou na posse da herança que os Governadores do reino de Portugal e outros traidores lhe haviam facilitado. Esses *reales*, que a nação portugueza era forçada a tolerar, pobre, acabrunhada e profundamente ferida pelo desastre de Alcacer-Kibir e pela inaptidão de um cardeal decrepito e incosequente, que fôra rei, circulavam na India com valores incertos, desfigurados pela monstruosa lepra dos carimbos, variados, e roídos pelo cerceio.

O indio nunca se entendêra bem com a pataca hespanhola, cujas fracções, inconvenientes e prejudiciaes nas condições da prata quebrada, baptizava com a variada nomenclatura da antiga moeda indigena.

Em 1630, apesar d'este recurso ingenuo de baptismo, aggravava-se a situação monetaria do Oriente Português.

O indio malbaratava o tempo e a paciencia, questionando particularmente, nos bazares, nos mercados, e clamava pela promulgação de reformas contra confusões e enredos. Por que se não cunhava moeda com symbolos portuguezes? Occorria, naturalmente, esta pergunta. A resposta guardava-se, como se fôra um segredo que tivesse de proteger um crime! Tempestuosos ventos da Hespanha derrubavam instituições e prerogativas seculares, e, no desastre d'esse esmagamento oppressor, o numisma português antigo vacillava no seu pedestal de glorias, immensamente saudosas!

Os *reales* tinham então a preponderancia em todas as ramificações do commercio indo-português.

Esta praga hespanhola invadiu outros dominios de alem-mar. Na Ilha da Madeira, em 1789, os *reales* foram admittidos como moeda corrente representativa de 1\$000 réis; em Cabo Verde circulavam pelo valor de 920 réis; em Angola por 1\$400 réis; e em Moçambique por 920 réis¹.

No reino foi auctorizada a circulação de patacas hespanholas, por decreto do general Junot de 17 de Março de 1808, com o valor de 800 réis, e subsistiram até á lei de 29 de Julho de 1854, que lhes suspendeu a regalia.

Ainda por decreto de 1 de Setembro de 1834 voltaram a circular carimbados com um punção de armas portuguezas (carimbo identico ao dos dobrões de ouro).

¹ Noticia sobre os pesos, medidas e moedas de Portugal e suas possessões ultramarinas, por Luis Travassos Valdez, pags. 31, 34, 37 e 39.

Parece que a Hespanha não se orgulhou com esta deferencia fidalga dos seus vizinhos.

Os *reales* viveram longa serie de annos na India Portuguesa. Ainda em 1856 eram a unica moeda estrangeira auctorizada ali, por titulo que nos é desconhecido, e por isto circulavam com insignificantes variações cambiaes. Tinham o valor de 5 xerafins, 3 tangas e 45 réis, ou 1\$725 réis de Goa.

José de Torres, no artigo intitulado «Portugal em 1690», inserto no *Archivo Pittoresco*, II, 323, disse que: «De Portugal ia todos os annos a Goa um grande navio, armado a expensas da fazenda, e carregado pelos particulares, que pagavam o frete. As remessas consistiam quasi exclusivamente em patacas de peso, em que se lucravam sessenta por cento». Mesmo levando em conta o exagero do escritor a respeito da quantidade dos carregamentos, vê-se que no reinado de D. Pedro II os negociantes da metropole ainda tinham singular maneira de prejudicar os povos da India, como a tiveram durante a epoca filippina.

Grande quantidade de moedas de ouro e prata foi cunhada em Portugal no reinado de D. Filippe III; porém este neto do *Demonio do meio-dia*, porque não se atrevera a sepultar no olvido a promessa de seu avô¹, permittiu que derivasse para o Oriente a fatal epidemia hespanhola, grandemente odiada ali, como em Portugal, em vez de promover e facilitar a exportação da moeda do reino, que seria bem acceite pelo indio, como o foi aquella que a equipagem das caravelas de Vasco da Gama mudou em Calecut.

Em 1630 o Conselho da Fazenda de Goa, ponderados motivos de força maior, attendiveis de melhor feição que os da justiça, acordou da inercia antiga, e, sobresaltado com a ideia de acontecimentos lamentaveis, para os quaes a reprovada influencia dos *reales* pudessem encaminhar a irritação do animo popular, accedeu á proposta do vice-rei.

Os cadinhos officiaes aprontaram-se para a transformação immediata de *reales* na importancia de 50:000 xerafins. Tão insignificante quantia para amoedar de pronto era remendo bem simples e exiguo para encobrir um rasgão complexo e enorme! D'aqui resultou que os

¹ Entre as mercês, graças e privilegios que D. Filippe I deu a Portugal na carta patente de 12 de Novembro de 1582 menciona-se, no capitulo VIII: «Que o ouro e prata que se lavrar nestes Reinos e Senhorios se lavrará co'os cunhos de Armas de Portugal sem outra mestura». *Collecção das Côrtes*, da Academia de Historia, tomo XI, pag. 70.

reales continuaram a prosperar, não obstante os protestos platonicos do povo, que apenas pedira a palavra, e não a violencia bruta, como de ordinario succede na diplomacia das greves actuaes.

A nova estiva para bater os 50:000 xerafins manteve o titulo da prata recolhida, sem outra liga alem da que tinha. A moeda de maior valor e a do valor immediato receberam oficialmente o nome de *patacão* e *meio patacão*, da origem *pataca*, palavra com que foi conhecida a moeda hespanhola de 8 *reales*, tanto na India como em Portugal.

Foram emittidas as seguintes moedas:

Patacão de 6 tangas com o peso de 345 grãos;

Meio patacão de 3 tangas com o peso de 177 $\frac{1}{2}$ grãos;

Tanga pesando 57 $\frac{1}{2}$ grãos;

Meia tanga pesando 28 $\frac{3}{4}$ grãos.

Não se conhecem estas moedas minimas. É provavel que tambem mostrassem a cruz da ordem de Avis, symbolo caracteristico da emissão, que não foi repetida.

Esta cruz, que na moeda do reino foi gravada algumas vezes até o reinado de D. Pedro II, em moedas indo-portuguesas figurou sómente na emissão de 1630, porque o facto desagradou a D. Filippe III, que, por carta regia de 15 de Março de 1634, ostentou a defesa do legitimo direito da Ordem de Christo, a cujo mestrado pertenciam os dizimos que se cobravam na India, ao passo que censurava a emissão, que não auctorizara, e ordenava que de futuro se cunhassem xerafins de prata baixa, apenas quando a necessidade de os emittir fosse absoluta. E era assim que a Hespanha concorria para a decadencia economica da colonia, cujas antigas glorias não tinham symbolos representados nos brasões da sua nobreza. O ciume da gloria alheia arrancava do passado elementos ideaes para se constituir um crime de ruina futura!

Penaliza-nos ver que os exemplares figurados e descriptos não conservam a primitiva belleza. Evidencia-se que um gravador, muito habil para tal epoca, se distinguuiu notoriamente em Goa. É admissivel pensar que sob a direcção e conselho de Jorge da Cunha¹, que exercia o officio de *ensaiador da moeda da cidade de Goa* no tempo de D. Filippe III, fosse executado o trabalho. Parece que este artista não era natural da India. Na carta de confirmação no officio de cunhador na mesma cidade, passada a favor de seu filho, Antonio da Cunha, por D. Filippe III, em 24 de Março de 1636 (vide ainda a nota infra), diz-se que Jorge

¹ Vide *O Archeologo Português*, VII, 46.

da Cunha era *estante na India*, isto é, que ali tinha residencia. Habilitar-se-hia em Lisboa, onde fôra ourivez, ou abridor de cunhos?

A conjectura de superioridade artistica entre este homem e outros moedeiros de Goa, contemporaneos, é facil de mostrar. Confronte-se o que resta nas gravuras dos patacões com a menos bem cuidada expressão de symbolos gravados em moedas goenses emitidas anteriormente, de que se podem ver exemplos na est. I, do vol. III, da obra do Dr. Teixeira de Aragão, *Descrição geral, etc.*

Os patacões, apenas emitidos, saíram da circulação goense. Não obstante estarem assignalados com a cruz, assaltou-os a avareza insoffrida nos Estados vizinhos da colonia portuguesa. Optimamente recebidos no estrangeiro, recommendados pelo titulo metalico e pelo peso, emigrados opulentos, fatalmente estavam condemnados ao aniquilamento. E o Conselho da Fazenda não presumiu este infausto successo!

Os exemplares do Sr. Henry Grogan, unicos existentes, salvos casualmente do cadinho, provam a nobreza da sua origem e a desastrosa extinção dos seus companheiros.

O desusado diametro e a espessura do patacão de 6 tangas não deve causar surpresa entre colleccionadores, habituados a conhecer sómente formas modestas em xerafins e rupias. Quem ler a carta de lei de 16 de Junho de 1569, que D. Sebastião expediu para Goa, conhecerá que, no reinado de D. João III, o vice-rei D. Affonso de Noronha mandou bater santhomés, ou patacões de prata, do titulo de 11 dinheiros, com o grande peso de 544 grãos. Estas moedas, desconhecidas, tambem foram sacrificadas na sua epoca; nem mesmo o notavel numismata indiano Philippe Nery Xavier as conheceu. É de crer que tivessem consideravel diametro e espessura. O typo seria barbaro, ao gosto da epoca, assim como foram quasi grotescas as feições e pesadas as proporções do bazaruco de cobre n.º 1 da estampa xv de Teixeira de Aragão, cunhado no governo de D. João de Castro. Isto acceita-se radicalmente.

O indio revoltou-se contra o valor exaggerado de 360 reaes nestes santhomés, equiparados aos pardaús de ouro correntes, valor que estava em desacôrdo com o preço da prata fina, que era de 2\$400 reaes por marco, porem não se aborreceu com espessuras e diametros. E porque se aborreceria? A plastica da novidade não molestou o indio, para quem a moeda nunca foi prototypo de monstruosidade ou de formosura artistica. Homem pratico, não teve as mais leves noções do que fosse o valor numismatico, que hoje se manifesta e se comprehende claramente, nem pôde suspeitar que os systemas monetarios seus contemporaneos, ou

contemporaneos de seus avós, no futuro seriam objecto de apaixonado culto, de estudos, de controversias, que concorressem para o progresso e gloria da sciencia. No caso contrario as harpias do lucro reservariam algumas amostras d'aquelles materiaes, destinados para ornamento da archeologia no futuro.

No fabrico do exemplar da fig. n.º 2 foi excedido o peso que a lei estatuiu, porque, cerceado como está, ainda tem 12 grãos a mais. Este caso é um dos raros que temos apreciado com relação a moedas fabricadas em Goa, onde os operarios, desdenhando impunemente das estivas, craveiras legaes *in nomine*, costumavam reduzir os pesos.

Tambem nalgumas emissões feitas na metropole no seculo XIX se tem notado irregularidades analogas.

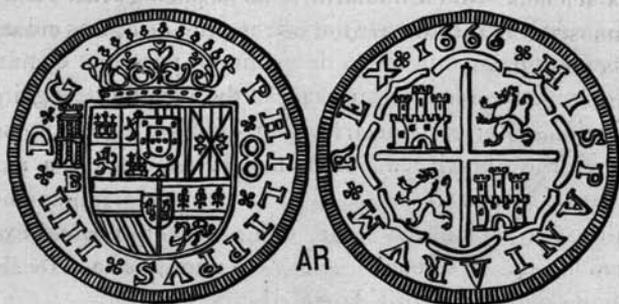
Quanto ao lavramento de especies em ouro é citado um caso grave. O Dr. Teixeira de Aragão, em nota a pag. 141 do vol. II da obra já citada, diz que viu uma dobra de quatro escudos, cunhada em 1820, com 10 grãos a mais. Se entre os exemplares lavrados neste anno, em numero de 1:687, saíram para a circulação alguns com luxo illegal identico ou superior, não inutilizados na Casa da Moeda, frouxa a fiscalização do fabrico e talvez perturbada por graves acontecimentos politicos da epoca, o publico houve por bem não se accusar do beneficio. Aguardava novas manifestações de generosidade que os moedeiros offercessem?

As unicas moedas portuguezas que, sem duvida alguma, se conhecem como fabricadas no tempo de D. Filippe III são as de Goa, datadas ou não datadas; estas denunciam-se pelos pesos e typos, como os patacões de que tratamos.

As emissões de Lisboa, sem designações especiaes de chronologia, confundem-se com as do reinado antecedente. Ao dominador castelhano talvez que só muito tarde occorresse que a manifestação pratica de uma das mais valiosas prerogativas regias ficava obscura na historia monetaria de Portugal; seria quando viu approximar-se o momento em que tinha de levar para o estreito abrigo do tumulo a pretensão de reaver uma herança valiosissima, que não soubera ou não pudera guardar.

Depois de 1640, anno em que a pretensão se arreigou no cerebro d'aquelle rei, o escudo das armas de Portugal foi gravado, bem nitido e visivel, mas sem coroa, no conjunto heraldico de Hespanha, como se houvesse prestado vassallagem; que deprimisse a nobreza e menoscabasse os brios da nação libertada. Como se vê da fig. 3, elle occupou o logar central, o de honra. D. Filippe sublinhou a affronta com singular cortesia!

O melhor critério não deixará de reconhecer no procedimento do rei hespanhol certa intenção occulta.

Fig. 3.^a

Em 1667 a affronta foi supprimida nas cunhagens de moedas para o continente hespanhol. A supressão teria como causa primaria a influencia moral da batalha de Montes Claros, ferida a 17 de Junho de 1665, ultima prova da tenacidade heroica de um povo para consolidar a independencia, que num só dia, emfim, conquistara violentamente.

D. Carlos II recolheu e arrecadou a pretensão paterna até o anno de 1694! Pretenderia realizar diplomaticamente, ou por força de armas, a união de Portugal a Castella? Esta ideia paira serenamente no espirito de quem examinar o anverso do *patacon*, fig. 4.^a, cunhado em Antuérpia quando o monarcha era senhor dos ducados de Brabante e Limburgo.

Fig. 4.^a

Parece que depois de 1694 o brasão de armas de Hespanha não mais se pavoneou numismaticamente com adornos de propriedade alheia; pelo menos na obra de Aloïss Heiss ¹ não encontrámos estampas que provem o contrario.

¹ *Descripción general de las monedas hispano-cristianas.*

Terminadas estas considerações, com que acompanhámos as figuras de dois numismas notabilissimos, devemos dizer que o Sr. Henry Grogan consagra especial estima á numária colonial portuguesa. Esta homenagem, pouco vulgar, prestada por um estrangeiro ás nossas colonias, deve impor-se, como fortificante razão de estímulo, para que os numismatas portugueses se interessem na apreciação da moeda estrangeira, á qual não falta valor historico nem arte, sem que por este facto se privem de enthesourar e apreciar a antiga moeda nacional, dia a dia cada vez mais rara e esquivia.

Consulte-se a seguinte synopse, que não comprehende exemplares em duplicado, a fim de se conhecer como é numerosa a serie de moedas indo-portuguesas da collecção do Sr. Henry Grogan.

Moedas portuguesas	Metaes				Total
	AV.	AR.	AE.	PL.	
Das Ilhas dos Açores.....	-	6	18	-	24
Da Ilha da Madeira.....	-	-	3	-	3
Das Ilhas de S. Thomé e Príncipe.....	-	-	7	-	7
Da Africa { Oriental.....	2	5	9	-	16
{ Occidental.....	-	16	49	-	65
Da India.....	4	238	146	45	433
Do Brasil colonial.....	-	-	55	-	55
	6	265	287	45	603

Lisboa, Julho de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Antiguidades dos arredores de Evora

1. Antas do Barrocal

O sitio do Barrocal fica perto da Tourega, no concelho de Evora: n-*O Arch. Port.*, IV, 128 sqq., fallei das antas existentes neste sitio, as quaes um dia espero explorar com o concurso do Ex.^{mo} Sr. Visconde da Esperança, a quem no citado numero d-*O Archeologo* me refiro.

Aqui publico duas gravuras que representam duas das mencionadas antas, segundo photographias do Sr. Barbosa, de Evora.